

/ PALAVRA DO LEITOR

Cheia em Porto Alegre

Precisando aliviar o acesso a Porto Alegre para a chegada de mantimentos e mão de obra no combate às enchentes no Rio Grande do Sul, a prefeitura da Capital liberou o uso do corredor humanitário construído na avenida Castelo Branco, derrubando a passarela próxima ao túnel da Conceição (**Jornal do Comércio**, 13/05/2024). Esta passarela era mais baixa do que deveria. Vai liberar o trânsito emergencial e no futuro se corrige a altura. De repente esta via pode ser reconstruída elevada em definitivo. Nunca se sabe o amanhã. (*Augusto Bilhalva Goulart*)

Cheia em Porto Alegre II

Parabéns aos servidores públicos que estão fazendo um ótimo trabalho. (*Lucas Ribeiro*)

Cheia em Porto Alegre III

Já era hora... Essa passarela serviu por muitos anos aos pedestres, mas já faz tempo que ela só servia para facilitar a vida dos "batedores de carteira" da área. (*Andreia Furtado*)

Nível do Guaíba

O Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) vem fazendo análises sobre o nível do Guaíba diariamente (JC, 13/05/2024). Gratidão aos pesquisadores do IPH, fazendo toda a diferença com dados científicos nesse momento. (*Laura Azeredo*)

Saúde

Desde a última semana, moradores de Porto Alegre e Região Metropolitana, assim como os da maioria dos municípios do Estado, estão sofrendo as consequências da maior tragédia da história do Rio Grande do Sul. Além dos milhares de desalojamentos, as enchentes geram uma séria preocupação com a saúde pública, com alerta para o perigo de doenças resultantes do contato com água contaminada, bem como para o aumento da proliferação do mosquito transmissor da dengue (JC, 10/05/2024). Espero sinceramente que o governo federal use os profissionais da saúde que atuaram nos abrigos para trabalhar nesse cenário pós-guerra. (*Daniel dos Santos Vieira*)

Reconstrução

O líder do governo na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, o deputado Frederico Antunes (PP), afirmou que enviará ao Parlamento gaúcho um texto para aprovar a criação de um fundo único de reconstrução do Estado (JC, 15/05/2024). Temos certeza de que apesar das dificuldades atuais, o RS encontrará forças para sua reconstrução, após a calamidade pública. O povo gaúcho com sua cultura, sua história e sua força são as bases para enfrentamentos dos desafios dos próximos tempos. A natureza demonstra as necessidades das ações humanas planejadas e organizadas visando a preservação e adaptação ao clima global. (*Abdon Barretto Filho*)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

A última catástrofe climática

Ir. Manuir José Mentges

O Rio Grande do Sul, berço de riquezas naturais e culturalmente diversificado, é vitimado por uma tragédia sem precedentes. A maior catástrofe climática registrada na história do Estado não apenas deixa uma marca indelével em mais de 400 municípios, com mais de uma centena de mortos e milhares de desabrigados, como também nos instiga a refletir sobre as consequências devastadoras do aquecimento global e nossas ações de prevenção e políticas públicas para enfrentar o tema.

Enquanto os escombros ainda estão sendo removidos e as famílias tentam reconstruir suas vidas, é imperativo que olhemos para além das margens inundadas dos rios e encontremos soluções duradouras para evitar que tragédias como esta se repitam no futuro. O título deste artigo, "A última catástrofe climática", não é apenas uma expressão de esperança, mas um chamado à ação. É um lembrete de que, se nos unirmos como sociedade e investirmos em infraestrutura resiliente, podemos mudar o curso desta história. Não podemos nos dar ao luxo de sermos complacentes diante das mudanças climáticas e seus impactos cada vez mais devastadores.

Precisamos de um plano abrangente que inclua medidas de prevenção, como o manejo sustentável dos recursos hídricos, além da melhoria da infraestrutura de drenagem e a realocação de comunidades em áreas de risco. É fundamental que promovamos

a conscientização sobre a urgência do problema e incentivemos práticas sustentáveis em todos os setores da sociedade. A última catástrofe não pode ser apenas um capítulo trágico na história do Rio Grande do Sul, mas um ponto de virada.

Devemos transformar essa tragédia em um catalisador para a mudança, adotando medidas concretas e urgentes para proteger nosso estado e nosso planeta para as gerações futuras. Juntos, podemos fazer da última catástrofe climática uma lembrança triste do passado, não um presságio do futuro. Podemos, no futuro, ter outras enchentes, mas elas não precisam ceifar tantas vidas e desalojar tantas pessoas. Podemos ter enchentes, mas não precisamos se transformar em catástrofes. Que as políticas públicas, sob a perspectiva de planejamento, execução e monitoramento constantes, assegurem um plano de ação efetivo para enfrentarmos o problema, de modo que as futuras gerações, dentro de algumas décadas, possam dizer: "Eles fizeram o dever de casa, e por isso a última catástrofe climática no RS foi no final de abril e maio de 2024."

A atual situação não pode ser apenas um capítulo trágico na história do RS, mas um ponto de virada

Vice-reitor da UFRGS

Comunicação empática é urgente na crise

Ana Paula Megiolaro

A inclusão da empatia no processo de comunicação é o que chamamos de comunicação empática e ela é urgente agora, para não aumentar ainda mais a dor, o medo e o trauma de tantas pessoas que perderam tudo. É igualmente iminente para aquelas pessoas que estão em todas as frentes para salvar vidas humanas e animais.

Mesmo diante da devastação, a chama da esperança deve permanecer viva em cada um de nós

Quem cuida, salva, acolhe também precisa da comunicação empática. Parece que estamos dentro de um filme de catástrofe natural. Só que é real. São tantas emoções e sentimentos que precisamos administrar neste momento de crise, que muitos descuidam da sua comunicação.

Colocar-se no lugar do outro é impossível, na maioria das vezes. Por isso, a definição de empatia que mais utilizo é a habilidade de acolher com respeito o que o outro diz, tendo como base a sua referência e o seu contexto. Todos nós temos a capacidade de acolher com respeito o que o outro diz, porque empatia pode e deve ser praticada todos os dias na nossa comunicação. Chancelo a minha afirmação com a citação do diretor do laboratório de neurociência social na Universi-

dade de Stanford, Jamil Zaki, "a empatia é como um músculo que, se não for trabalhado, atrofia". A empatia tem três categorias, a cognitiva, emocional e compassiva. Afirmo com total propriedade que é a empatia compassiva que nos move hoje - conhecida como preocupação empática, que nos conduz para uma ação, ajudar o outro como pudermos.

A crise sem precedentes que estamos vivendo aqui no RS exige de todos nós a prática da comunicação empática. Você deve estar se perguntando: como praticá-la se todos estão com os nervos à flor da pele e com um turbilhão de emoções e sentimentos desencadeados? Concentre-se no que o outro está dizendo, dê ao outro a sua atenção. É o que a maioria de nós está tentando fazer agora. Além disso, a prática de uma escuta empática, acolhedora de fato, sem julgamentos e questionamentos é fundamental. Agradeço de coração a cada mão estendida para salvar vidas humanas e animais, a cada palavra e gesto de conforto, a cada doação material e espiritual - demonstração da força do amor ao próximo e da compaixão. Parece que nada é capaz de amenizar a dor de quem perdeu casa, empresa, familiares e amigos pela fúria da natureza.

Mesmo diante da devastação, a chama da esperança deve permanecer viva dentro de cada um de nós, porque somos resilientes! Superamos desafios antes e, juntos, construiremos um futuro ainda mais forte e próspero.

Sócia-diretora da Roedel Intl Advisor



Estação enfrenta 170 trechos bloqueados em 79 rodovias